

A MULHER ASSISTIDA EM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: CONHECENDO ESTA REALIDADE

Marcela Ariadne Braga Gomes¹, Priscila Araújo Santiago Praciano¹, Violante Augusta Batista Braga², Helder de Pádua Lima³, Aline Mesquita Lemos⁴.

Na qualidade de profissionais inseridos em serviços de saúde que acolhem dependentes químicos, percebeu-se que a clientela é predominantemente masculina e que as mulheres que buscam os mesmos possuem demandas específicas que nem sempre são atendidas. No campo do cuidado em saúde mental, muitas vezes, as portas não estão abertas de forma igualitária para a entrada dos usuários a qualquer momento nos serviços tipicamente substitutivos, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Isso, por si, coloca grandes barreiras a serem enfrentadas, juntamente com a implantação de rede de atenção comunitária. Considerando-se a existência de demanda feminina e o crescimento da mesma, e, ainda, o direito constitucional de acesso a serviços de saúde, contemplado pelo SUS, não se justifica a pouca procura e permanência desta clientela nos Centros de Atenção Psicossocial de Álcool e Outras Drogas. Com base no exposto, questionamos: quem é essa usuária de CAPS ad? Que assistência foi prestada a ela no período de acompanhamento? Esta pesquisa traz subsídios teóricos que podem contribuir para o esclarecimento de lacunas no processo de Reforma Psiquiátrica, relacionados com acessibilidade, a integralidade e as relações sociais de gênero no contexto da dependência química. Tais conhecimentos permitem fortalecer, ampliar e avaliar as políticas e práticas de saúde, podendo favorecer a acessibilidade da mulher em uso abusivo de drogas psicoativas à rede de saúde mental, repercutindo na integralidade da assistência. Estudos que enfocam a perspectiva de gênero são essenciais para se pensar a saúde da mulher de maneira mais abrangente. Conhecimentos acerca de tal categoria permitem a elaboração de políticas estatais e práticas em saúde que podem melhorar e modificar a acessibilidade da mulher drogadita à rede de saúde mental, e repercutam na equidade da assistência. O presente estudo objetivou traçar o perfil sociodemográfico e de assistência da clientela feminina assistida em um CAPS ad de Fortaleza. Trata-se de um estudo do tipo documental, descritivo e com abordagem, predominantemente, qualitativa. Foram utilizados prontuários de mulheres contidos no SAME (Serviço de Arquivo Médico e Estatístico) do CAPS ad da Regional III do município de Fortaleza - Ceará, mantido em parceria entre a Prefeitura a Universidade Federal do Ceará. Foram incluídos apenas os prontuários presentes em arquivo ativo. Com base nesses critérios, foram analisados 195 prontuários de mulheres admitidas no CAPS ad no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2011. Identificado o prontuário de cada usuária, foi utilizado um formulário padronizado para que pudessem ser coletadas informações sociodemográficas, de uso de drogas e do acompanhamento feito naquele serviço. As informações coletadas foram agrupadas, servindo de base para a construção do perfil da mulher assistida no CAPS ad e sobre a atenção recebida. Os dados foram organizados de acordo com as características sociodemográficas, socioeconômicas e culturais, além da história do uso de drogas. A apreensão desta realidade foi alvo de discussão respaldada em

1 Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará- UFC.

2 Doutora em Enfermagem. Professor associado da UFC.

3 Mestre e doutorando em Enfermagem pela UFC.

4 Mestranda em Enfermagem pela UFC.

outros estudos relacionados com questões gênero, drogadição e políticas públicas de saúde. O estudo obteve autorização legal do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, sob protocolo 198/08. Evidenciou-se uma maioria de mulheres naturais do Ceará (85,1%), na faixa etária compreendida entre 21 e 30 anos (22,9%), católicas (47,6%) das mulheres. A diferença de quantidade entre casadas e solteiras era mínima e a maioria (71,2%) possuía filhos. Ressalta-se que 40 (20,5%) mulheres buscou o CAPSad espontaneamente e vinte e oito (14,3%) já realizavam tratamento em algum outro serviço CAPS, onde foi feito o encaminhamento para o CAPSad em que foi realizado o estudo. A maioria convivia com familiares, frequentava alguma igreja, ocupava-se de atividades do lar, não havia completado o ensino fundamental ou havia cursado alguma série do ensino médio. A maioria das mulheres não aderiu ao plano terapêutico e predominaram aquelas que abandonaram o tratamento. Dentre os serviços ofertados pelo CAPSad mais utilizados destacaram-se a abordagem grupal e as consultas com o profissional médico. As mulheres drogaditas possuem necessidades que, às vezes, não são percebidas pelos serviços especializados e que se relacionam à condição reprodutiva, atenção às crianças, impacto da violência física e sexual experienciada e tabus sociais.¹ Faz-se necessário, então, pensar de forma mais ampliada sobre a drogadição feminina, influência da categoria gênero na acessibilidade aos serviços de saúde e atenção dispensada à mulher. Dentre os serviços especializados o CAPSad deve representar um apoio por propiciar o planejamento individualizado da assistência, de modo a reduzir o estigma quanto ao tratamento. Nesse serviço, o enfermeiro, como integrante da equipe multiprofissional, deve atuar com o objetivo de fornecer cuidado voltado às necessidades de cada indivíduo no contexto em que está inserido, a partir dos princípios defendidos pelo movimento de Reforma Psiquiátrica, que incluem acolhimento, vínculo, escuta, interdisciplinaridade, atenção integral, inclusão social, reabilitação psicossocial.² Com base nos resultados do estudo, conclui-se que elementos sociais concorreram para a vulnerabilidade das mulheres no uso e abuso de drogas psicoativas, predispondo-as à dependência química. Alguns desses aspectos podem ter sido também determinantes para a busca de ajuda e permanência no serviço, além de serem refletidos nas características clínicas da demanda estudada. A mulher dependente química necessita de um olhar diferenciado para suas demandas específicas, priorizando a promoção da saúde, auto-estima e reintegração social. Aos profissionais, incluindo os enfermeiros, é de grande importância a capacitação teórica para lidar com os aspectos de gênero e as representações sociais inerentes à mulher que procura tratamento, bem como a informação como ferramenta para adquirir seus direitos de cidadã, para ser reinserida na sociedade. Vale salientar o importante papel da equipe multiprofissional dos CAPSads, em que se inclui o enfermeiro, para a compreensão e a incorporação da perspectiva de gênero em suas ações. O enfermeiro, desde que capacitado, pode contribuir efetivamente com a sua prática nessa área de grande relevância social. O conhecimento sobre a categoria gênero pode fornecer meios que subsidiem sua atuação, de acordo com as necessidades das usuárias e das diretrizes de saúde.

Descritores: serviços de saúde mental, saúde mental, mulheres.

1 Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará- UFC.

2 Doutora em Enfermagem. Professor associado da UFC.

3 Mestre e doutorando em Enfermagem pela UFC.

4 Mestranda em Enfermagem pela UFC.

REFERÊNCIAS

1. OLIVEIRA, Jeane Freitas de; PAIVA, Mirian Santos; VALENTE, Camila L. M.. Representações sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, jun. 2006.
2. Rocha RM. O enfermeiro na equipe interdisciplinar do Centro de Atenção Psicossocial e as possibilidades de cuidar. **Texto Contexto Enferm**, Jul-Set 2005, 14(3): 350-7.

Área temática :7. Políticas e Práticas em Saúde e Enfermagem

Endereço para correspondência: alinemcastro@hotmail.com

- 1 Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará- UFC.
- 2 Doutora em Enfermagem. Professor associado da UFC.
- 3 Mestre e doutorando em Enfermagem pela UFC.
- 4 Mestranda em Enfermagem pela UFC.